

NIETZSCHE E GRACIÁN: A EXPERIÊNCIA COMO AFIRMAÇÃO DA VIDA

NIETZSCHE AND GRACIÁN: THE EXPERIENCE AS AFFIRMATION OF LIFE

ADILSON FELICIO FEILER¹

Resumo

A experiência de vida, caracterizada como uma maneira suave e enfraquecida para se afirmar as reivindicações do Cristianismo é a forma que Nietzsche apreende da leitura refinada e complicada da moral cristã feita pelo jesuíta Balthasar Gracián. A paradoxalidade desta avaliação se depreende da maneira pela qual este jesuíta usa a experiência de vida como uma forma de afirmar o Cristianismo. A acolhida do fato da vida naquilo que ele apresenta de mais duro, é torná-la plena, ou seja, imortal. Em que medida Nietzsche partilha desta posição, no intuito de desacreditar o Cristianismo moral, afirmando-o como prática?

Palavras-chave: Nietzsche, Gracián, Cristianismo, moral, vida

Abstract

The experience of life, characterized as a soft and faded manner to affirm the claims of Christianity is the way that Nietzsche seizes the refined and complicated rereading of christian moral by the jesuit Balthasar Gracián. The paradoxality this evaluation it follows the way in which this jesuit uses the experience of life as form of affirm the Christianity. The reception of life's fact in what is more hard is became full, in other words, immortal. In what measure Nietzsche shares of this position, in order to discredit the moral Christianiy affirming it as practice?

Keywords: Nietzsche, Gracián, Christianity, Moral, life

1. Introdução

O estilo barroco de Balthasar Gracián², marcado pelo pessimismo, onde o mundo é um espaço hostil e engenhoso, dentro do qual o ser humano se apresenta como débil, interesseiro e malicioso, consiste num estilo feito a partir de sentenças breves, pessoais, densas e concentradas. Este estilo reporta, ao estilo aforismático de Nietzsche; e este último foi de Gracián seu leitor, e, em muitos aspectos, admirador. Não queremos induzir uma influência fundamental de Gracián na formação de Nietzsche, contudo, seguindo Victor Bouillier pretendemos mostrar “(...) que Nietzsche conheceu e apreciou a Gracián,

¹ Professor do PPG em Filosofia da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos). E-mail: afeiler@unisinos.br

² Balthasar Gracián (1601-1658), jesuíta espanhol que se destacou como escritor, pelo cultivo da prosa didática e filosófica. Entre suas obras, a que tem maior respaldo é *El Criticón* e *Oráculo Manual*. Como representante do barroco, seu pensamento reflete pessimismo, se, deixar de contudo apresenta um ser humano capaz de aproveitar a sabedoria de vida a partir da experiência, o que faz Gracián ser um precursor do existencialismo e da pós modernidade.

que a ele deve certas reminiscências e, inclusive, incitações; em definitivo, apesar de todas as diferenças, estes dois gênios apresentam curiosas afinidades tanto na forma quanto nas ideias.³” Assim, como em Nietzsche, cada aforismo de Gracián concentra uma riqueza muito grande de significados que se descobrem em cada nova perspectiva que se estuda. Nele, o mundo é um espaço em que a hostilidade e a sutileza se impõem frente à virtude e à verdade. Por essa razão, a sabedoria está baseada na experiência de vida que se caracteriza por técnicas como a da arte de dissimular e adaptar o comportamento conforme diferentes situações. A arte da dissimulação tem se destacado como uma técnica para acentuar algum aspecto, em detrimento a outros elementos, considerados periféricos. Por esta razão, inclusive, teve-se a intenção de se realizar denúncias sociais, culturais, políticas ou religiosas, sempre com o intuito de, com sutileza, propor ao leitor meios alternativos para se resolver determinada questão. Estes meios alternativos estiveram também sempre muito ligados ao “modus quo,” a forma pela qual determinado problema pudesse ser resolvido.

Os jesuítas assim, não podiam mais responder aos desafios da época moderna com os expedientes da velha moral. Por essa razão, suas táticas missionárias se manifestaram de forma que a moral fosse atingindo um tom refinado e complexo, a ponto de fazer com que se sinta num mundo em que o sentir moral já não faça mais sentido. O peso arquitetônico do barroco e do rococó dão espaço ao barroco tardio, também denominado de barroco jesuítico, em que as linhas leves e retas buscam estilo jesuítico incutir à mentalidade humanista fundada na experiência de vida. A sofisticação do estilo jesuíta que Gracián apresenta no pensamento e na literatura acompanha e corrobora aquele mesmo estilo que se vincula à música, à arquitetura bem como a outras manifestações artísticas. Montserrat Cots Vicente realça “(...) a vontade manifesta do autor de alcançar a obscuridade e a ininteligibilidade da expressão através da agudez verbal e da sutileza do conceito. A conjunção de ambos recursos daria como resultado o belo barroco, metaforização do ideal estilístico graciano.⁴”

Estariam os jesuítas, de modo especial Gracián, disseminando um pensamento que denunciava os engessamentos da Idade Média tardia, para incutir uma mentalidade renovada, tal como Nietzsche com relação à modernidade, ao se servir de diversas máscaras para fazer ecoar, no labirinto da existência, um conjunto de vozes múltiplas, de

³ Bouillier: p. 22.

⁴ Montserrat: p. 131.

modo a tornar mentira tudo aquilo que foi julgado verdade e tornar verdade muito daquilo que foi tomado por mentira? Na obra *El Criticon* Gracián expõe, pelo comportamento de suas personagens, a saber, a autocrítica de Critilo e o hedonismo inconsciente de Andrelinho, as sutilezas e as contradições da virtude e da moral, antecipando com isso, o perspectivismo nietzschiano. Como Nietzsche desconhecia a língua espanhola, teve acesso ao romance, e outros escritos de Gracián, pela tradução delas realizada por Schopenhauer de *Oráculo Manual* traduzido por Schopenhauer.⁵ O *Oráculo Manual* é um escrito de Gracián, todo em aforismos, que versam sobre os mais diversos temas, como, por exemplo, o que segue: “Entrar com a alheia e sair com a sua. É estratagemas do conseguir.”⁶

O estilo aforismático e a capacidade refinada de dissimulação, somada a um estético sublime e uma crítica dura e implacável a tudo aquilo que se pretende eterno, fazem de Gracián um autor que inspirou a produção filosófica de Nietzsche. Esta inspiração no jesuíta espanhol inclusive se depreende, inclusive, de seis ocorrências explícitas a Gracián na obra de Nietzsche. Bouillier diz que “Nietzsche é, igual a Gracián, um mestre do aforismo”⁷.

Neste estudo temos a intenção de cotejar uma questão paradoxal que se depreende da pessoa de Gracián e de Nietzsche – a experiência de vida como afirmação do Cristianismo. Ou seja, em que medida o refinamento e a suavidade da reivindicação pela vida, sublinhada por Gracián, em meio ao barroco jesuítico, em nome da afirmação do Cristianismo, corrobora as teses de Nietzsche: afirmando o Cristianismo enquanto acento em seu aspecto prático e vital. A maneira como Gracián afirma o Cristianismo vem ao encontro à maneira de Nietzsche? Gracián o afirma como prática, experiência de vida?

A reflexão dar-se-à em três partes, seguindo o raciocínio indutivo, mediante a lógica de uma sequência triádica, de aforismos que Nietzsche apresenta em seus *Fragmentos Póstumos*, do outono de 1873 ao inverno de 1874. Em cada uma destas partes atentamos, também, a letra de alguns dos escritos de Gracián. Num primeiro momento seguimos o aforismo 30 [32], do referido período dos *Fragmentos Póstumos*, intitulado “Da simplicidade dos antigos à complexidade do Cristianismo.” Procuraremos responder em que medida Gracián apresenta um regresso à simplicidade dos antigos, corrompida pela complexidade moralizante, proveniente de uma certa concepção de Cristianismo. Na

⁵ Nietzsche 1981: p. 62.

⁶ Gracián, *Oráculo Manual*, § 144, p. 53

⁷ Bouillier: p. 27

sequência, tomamos o aforismo 30 [33], através do título “Os jesuítas e a reivindicação de um Cristianismo suavizado.” Procuramos responder ao problema vendo em que medida os jesuítas e Gracián, de forma particular, desconstruíram uma concepção do Cristianismo moral, para afirmá-lo de maneira existencial. Enfim, no terceiro capítulo, segundo o aforismo 30 [34], intitulado “Gracián e a compreensão do Cristianismo como experiência de vida,” investigamos em que aspectos a experiência de um Cristianismo vital, em Gracián se aproxima do aforismo de Nietzsche.

2. Desenvolvimento

2.1. Da simplicidade dos antigos à complexidade do Cristianismo

“O Cristianismo apresentou as formas mais altas, porém a maior multidão está caída para trás. Isso é ainda tão difícil para represar novamente a simplicidade dos antigos⁸.”

A maneira simples e direta pela qual o mundo antigo, precisamente sem sua relação com a proximidade interativa nos fenômenos orgânicos e naturais, fez com que eles usufruíssem, ao máximo, da potencialidade criativa dos mesmos fenômenos. Esta riqueza especial é quebrada quando os mecanismos, pressupostos pelo advento da razão tomam as rédeas da situação. Desse modo, aquela observação direta e imaginativa dos fenômenos naturais dá espaço ao raciocínio pelo nascimento messiânico do conhecimento. Nietzsche mostra esta transição em seu escrito de juventude *Sobre a verdade e a mentira no sentido extra moral*. Logo no início do escrito, Nietzsche diz que o conhecimento foi o momento mais mentiroso já acontecido. Contudo, foi apenas um breve momento⁹. No primeiro capítulo de *El Criticón*, de Balthasar Gracián lemos: “Falta-nos comumente a admiração porque nos falta a novidade e, com esta, a advertência. Todos entramos no mundo com os olhos do ânimo fechados e, quando os abrimos ao conhecimento, o costume dos coesos, por maravilhosos que sejam, não deixam lugar à admiração.¹⁰” Gracián critica duramente toda a complexidade esquemática dos processos implicados no conhecer. Aquela fruição direta da plenitude do

⁸ Nietzsche 1999: p. 743.

⁹ “(...) animais inteligentes inventaram o conhecimento. Este foi o minuto mais soberbo e mais mentiroso da ‘história universal’, mas foi apenas um minuto.” (Nietzsche 1999: p. 875).

¹⁰ Gracián: p.09

conhecimento, que se depreende da riqueza do mundo, dá espaço a mecanismos complexos e sistemáticos, escondendo toda aquela riqueza de formas, cores e texturas por causa da rigidez conceitual.

É interessante que Gracián utiliza o mito da criação para fazer este paralelo entre o conhecimento antes e depois do pecado original, quando os olhos dos primeiros seres humanos estavam fechados. Enquanto fechados pareciam contemplar mais coisas, uma plenitude na verdade. Quando pecaram, passam a ver o mundo de forma diferente, diz Gracián, em detalhes, porém sem aquela admiração da plenitude que a cegueira corporal permitia. Nietzsche toma este mesmo mito criacionista e o canaliza, em seu *Anticristo*, fazendo, contudo, um movimento contrário ao de Gracián, em termos de pensamento, embora sua estilística seja muito próxima a de Gracián. No *Anticristo*, Nietzsche mostra que a moralização proveniente do mundo decidia por enxergar as coisas, ou seja, por querer conhecer¹¹. No entanto, a moral não quer o conhecimento, preferindo a ignorância passiva e inerte. Assim, embora antípoda em termos de posicionamento filosófico, Nietzsche se fascina com o refinamento estilístico de Gracián. Com Gracián, Nietzsche reconhece que a moral entra num processo de complexificação atingindo o ápice do rococó e do sublime, como se depreende da carta a Peter Gast, de 20 de setembro de 1884 dizendo: “Sobre Balthasar Gracián tenho o mesmo sentimento que você: a Europa não tem produzido nada mais fino e complexo em matéria de sutileza moral. No entanto, depois de meu Zarathustra, de uma impressão do rococó e do sublime filigrama.¹²” A maneira como a moral passa a ser veiculada nos diversos meios não é mais como aquela que se defendia na Idade Média. O humanismo renascentista, principalmente o barroco, tem um modo muito mais sutil e camuflado para incutir a moral, como se depreende do seguinte aforismo “A virtude é o sol do mundo menor, e tem por hemisfério a boa consciência.¹³” Pela beleza e sublimidade da forma com que o barroco apresenta o seu conteúdo, parece que este último se esconde por entre o emaranhado de movimentos cujo começo e fim não se identificam. Na biografia escrita por Curt Paul Janz é mencionada a influência de Gracián sobre a obra de Nietzsche, seja pela tradução de um escrito

¹¹ Conhecer os limites da razão – somente isso é filosofia genuína. Que finalidade teve a revelação divina ao homem? Deus faria algo supérfluo? O homem não pode descobrir por si mesmo o que é bom e o que é ruim, então Deus lhe ensinou sua vontade... Moral (Nietzsche 1999: p. 238-9).

¹² Nietzsche 1981: p. 535.

¹³ Gracián, *Oráculo Manual*: p. 109

patrístico de Arnóbio, como também pelo estilo que se depreende da pena do jesuíta barroco espanhol¹⁴.

Através da sublimidade e da beleza das formas do barroco que Gracián divulga o seu conteúdo moral, tal como se depreende da escrita de Nietzsche, “Sêneca como uma culminação da antiga mentira moral – um mais grave espanhol como Gracián¹⁵”; eis, portanto, a sua perspicácia e vitalidade. Nietzsche não deixa de reconhecer nisto, além de um ato de esperteza, também uma capacidade de reinventar a ação, a ação nova e criativa. E, justamente, pelo fato de os jesuítas se caracterizarem como homens de ação, foram desbravando uma imensa gama de possibilidades que lhes permitia ser alvo de amor e de ódio: “Aqui teme-se o egoísmo como ‘mau em si’ – com exceção dos jesuítas, que concordam com os antigos, e por isso pretendem ser os mais eficazes educadores do nosso tempo.¹⁶”

O fascínio de Nietzsche pelos jesuítas, e, de modo particular, por Gracián, marca decisivamente o conjunto de sua obra madura, de maneira especial a sua estilística. Seu rebuscamento e complexidade na forma faz com que o conteúdo pareça belo e suave. Mas a que se deve esta mobilização em prol de uma suavização em termos de costumes na vivência cristã? Em que medida a resposta dos jesuítas foi satisfatória em termos dessa suavização do Cristianismo?

2.2. Os jesuítas e a reivindicação de um Cristianismo suavizado

“Os jesuítas enfraqueceram e suavizaram as reivindicações do Cristianismo, por causa disso sua potência ainda está para se afirmar.”¹⁷”

A modernidade é mãe de uma tensão poderosa que se instalou na cultura ocidental pela “(...) pressão clerical cristã¹⁸”. No bojo desta tensão a Reforma Protestante se afirma como um dos eventos mais marcantes. Caracterizada como a manifestação do inconformismo da massa diante da instituição, a Reforma Protestante vai criando um

¹⁴ “Em 19 de setembro, pede que sua mãe lhe envie uma obra em latim do padre da igreja, Arnóbio, da qual ele possui uma tradução alemã e um volume de Montaigne. Köseliz havia lido a tradução do jesuíta espanhol Balthasar Gracián (1601-1658) na tradução de Schopenhauer.” (Janz 2016: p. 244).

¹⁵ Nietzsche 1999: p. 103.

¹⁶ Nietzsche 1999: p. 789.

¹⁷ Nietzsche 1999: p. 743.

¹⁸ Gracián: p. 345

acirramento de ânimo tão grande que resulta na cisão, na ruptura com daquela que, até hoje, era reconhecida como a mais sólida das instituições: a Igreja Católica.

Diante deste panorama emergencial se requer uma solução que é resolvida a partir da leitura de Nietzsche, pela iluminação democrática, com os seus ideais de povo e participação, de um governo colegiado e, por outro, pelo jesuitismo, com a busca de tornar leve e suave o jugo que acarreta o nome de cristão. Por essa razão, toda a obra jesuítica é a de revigorar, restaurar, reafirmar o Cristianismo. Contudo, o faz mediante novas estratégias que querem recobrar o ânimo e a coragem, porém com uma abordagem suave, cândida e repleta de novas esperanças. “Fala-se da astúcia e da arte infame dos jesuítas, mas não se vê a auto superação a que todo o jesuíta se obriga, e o como o regime facilitado de vida, pregado nos manuais jesuíticos, deve beneficiar não a eles, mas aos leigos.¹⁹”

O modo como os jesuítas vão respondendo a estes desafios marca o impulso milenar de relaxamento da rigidez do arco em nome de uma forma de viver o Cristianismo mais tranquila e suavemente. É preciso “(...) afrouxar todo arco teso. Afrouxar com consideração, com mão solícita, naturalmente – afrouxar com compaixão que inspira confiança: eis a verdadeira arte do jesuitismo, que sempre soube apresentar-se como a religião da compaixão.²⁰” Por mais que Nietzsche se oponha a toda a manifestação da religião da compaixão, a maneira pela qual o jesuitismo, com sua capacidade afirmativa e que inspira confiança, propõe, revela arte, genialidade e erudição; contudo, sem um toque de rebaixamento e mediocridade. “A subordinação, que é tão valorizada no Estado militar e burocrático, logo se tornará tão desacreditada como já se tornou a tática dos jesuítas.²¹” Nietzsche não nega que os jesuítas não sejam, também, representantes da moral. Vemos isso nesta passagem que aparece Gracián como representante de uma moral filosófica: “Entre moralistas – Os grandes filósofos morais. Moral até agora como fatalidade dos filósofos. Rousseau. Kant. Hegel. Schopenhauer. Lichtenberg. Goethe. B. Gracián.²²” A maneira pela qual os jesuítas, e entre eles Gracián, apresentam a moral se mostra mediante um revestimento de sobriedade, revelando a sua perspicácia. Toda essa busca de relaxamento da rigidez do arco vem marcada por uma tensão presente no movimento artístico, literários e filosófico que deriva dela: o barroco. E neste, os jesuítas se revelam homens de ação. Esta tensão é entretecida pelo movimento dos contrários que

¹⁹ Nietzsche 1999: p. 74-5.

²⁰ Nietzsche 1999: p. 134.

²¹ Nietzsche 1999: p. 287.

²² Nietzsche 1999: p. 344.

se põem em luta a fim de alcançar uma resolução. Esta luta entre contrários é muito bem apresentada por Gracián em virtude de sua consideração a respeito da criação do mundo. Segundo ele “(...) todo este universo se compõe de contrários e se concerta de desacertos: um contra o outro, exclamou o filósofo. Não há coisa que não tenha seu contrário com que lute.²³” É desta luta entretecida e fomentada pelos contrários, que se deriva a ação. “Todo o fazer e padecer: se há ação, há repaixão.²⁴” Há um movimento de construir e destruir – “(...) do natural passa à oposição ao moral.²⁵” Controversamente Gracián, conclui que a permanência do mundo é garantida pela sua oposição, mudança e instabilidade “(...) tanta mudança com tanta permanência (...) todas elas perecem, e o mundo sempre o mesmo, sempre permanece.²⁶” É justamente neste estado de instabilidade plena que Nietzsche constata a eternidade do instante. Este instante de plenitude, de acordo com o autor de *Zaratustra*, pela oposição entre destruição e criação, se destrói para construir e assim, sucessivamente. Gracián constata, na alteração entre dias e noites, que “(...) a destruição de uma criatura é geração de outra. Quando parece que se acaba tudo, então começa de novo.²⁷” É possível derivar desta leitura criacionista, feita por Gracián, influências que promoveram a concepção nietzschiana do Eterno Retorno. Pois, de acordo com o autor de *Assim falou Zaratustra*, é pela destruição das antigas tábuas; contudo, estas mesmas se reestabelecem, logo dando espaço a outras novas, e assim sucessivamente.

Como tudo se move rapidamente nada se estabelece na forma de lei ou regra, em torno a qual se reúne um grupo de seguidores em forma de rebanho. O jesuíta Gracián, inclusive, traz uma ocorrência que inspirou a passagem de Zaratustra pelo mercado, em meio à turba. “Estava a praça feita de um grande coro do vulgo, enxame de moscas no zumbir e no assentar-se no lixo dos costumes, engordando com o podrido e hediondo das morais.²⁸” Gracián constata com fino tino psicológico o quanto de pobre, raso e superficial há em meio à turba²⁹; o quanto a mera convenção carrega a marca do periférico, sem profundidade e reflexão. Por essa razão, Gracián, neste mesmo capítulo,

²³ Gracián: p. 15.

²⁴ Gracián: p. 15.

²⁵ Gracián: p. 15.

²⁶ Gracián: p. 15.

²⁷ Gracián: p. 16.

²⁸ Gracián: p. 43.

²⁹ Apesar de existirem diversas similaridades entre *El Criticón* e *Zaratustra* com relação a dita passagem da praça, Bouillier nos recorda que “(...) o sentido e as peripécias do apólogo são totalmente distintas no seu e no de Gracián.” (Boillier: p. 27).

acena para uma saída para esse nivelamento por baixo, a partir do não-deixar-se enganar pelas aparências: “(...) o que ontem foi nome, hoje é pó, e amanhã é nada.³⁰” Diante disso, a única realidade é o movimento, tudo passa, a vida é uma pulsão contínua. De modo que não há mais como se refugiar em preceitos e em qualquer pseudo realidade que se pretenda eterna. No barroquismo de Gracián o único eterno é o movimento, a tensão, a luta, o embate. Distante de pesados e custosos preceitos, outrora sagrados, Gracián aponta para um aproveitamento do precioso tempo que se dá a cada instante; paradoxalmente é um instante de plenitude. E só o experimenta quem o acolhe com amor: *amor fati*. Eis aí algo que responde bem a esse desafio de fruição da plenitude do instante: a própria Companhia de Jesus, que conforme seu fundador Inácio de Loyola, deve ser ligeira, ou seja, despida de aparatos supérfluos, atender ao essencial, que está em mudança constante. O que é essencial hoje, amanhã não o será mais. Ora, diante disso, o Cristianismo que se desenha passa a ser um Cristianismo suavizado, despido do supérfluo e arraigado ao que muda, por isso, sempre inovando. Logo, se o Cristianismo não é uma lei ou uma doutrina com o que se caracteriza? O que faz do Cristianismo essa realidade em constante mutação ante o qual nada se cristaliza? E, como Gracián, e a leitura que Nietzsche faz dele, responde a essa concepção mutacional do Cristianismo?

2.3. Gracián e a compreensão do Cristianismo como experiência de vida

“Gracián mostra uma sabedoria e prudência na experiência de vida, com isso nada se deixa confrontar.”³¹

A vida, para Gracián é o critério fundamental. Por isso, nada pode ser anteposto à mesma. Ela é o valor dos valores, o fundamento de todo o valorar. Logo ao início do capítulo 10, Gracián denuncia a confusão que há entre os meios e o fim. O jesuíta considera esta confusão, o ser” (...) mais bruto que as bestas, degenerando de si mesmo, faz fim do deleite e da vida faz meio para o gosto.³²” Aquele que não toma a vida como fim último é considerado como alguém reduzido à bestialidade, porque abdica do valor fundamental de todo o ser humano: a vida. Se faz isso, abdica inclusive da própria condição de ser humano, para comungar da condição bestial.

³⁰ Gracián: p. 45.

³¹ Nietzsche 1999: p. 744.

³² Gracián: p. 59.

O ser humano, imerso em sua singularidade, desconstrói os princípios em função dos fins. São os fins os que correspondem verdadeiramente à vida, que é sempre lançada para a frente. Os princípios, pelo contrário, lançam para trás pois cristalizam, petrificam todas as possibilidades de mudança. Por essa razão, segundo Gracián “(...) nunca ponho diante de mim os princípios, senão os fins³³” O fim último com o qual cada um deveria se ocupar por excelência é a vida, com tudo o que a ela diz respeito. A vida é a “(...) a alma das ações, vida das façanhas, alimento da virtude e alimento do espírito.³⁴” O que alimenta verdadeiramente o espírito é a vida, e a vida é, em última análise, fruto da ação. Por essa razão, o agir é promotor da vida em todos os seus níveis. Toda esta dimensão do trato com a vida foi um traço que “(...) Nietzsche realizou (...) pelo terreno da psicologia mundana, e é possível que o deva a alguma sugestão de Gracián assim como certo refinamento e, seu sentido da observação³⁵.” Embora Gracián e Nietzsche compartilhem de uma natureza aristocrática, ativa, movida por instintos de poder e domínio, no campo da moral é difícil estabelecer, entre eles, uma relação mais fundamental. Nietzsche se expressa sobre isso dizendo que “O estoicismo de modo algum teria sido possível em um mundo moralista sem preconceitos. Qualquer palavra de B. Gracián ou La Rochefoucault ou Pascal tem o sabor grego contra ele.³⁶” Apesar de todos os instintos de força, Gracián ainda partilha do preconceito moral, assim como diversos outros autores.

O traço ativo de Gracián e Nietzsche permite ver que, no agir, se depreende um *quantum* de forças que quebram estruturas cristalizadas pelos nossos hábitos e crenças. O agir é criativo e inventivo; pelo agir se “(...) busca, em novas proezas, a honra ao uso.³⁷” Ou seja, o uso não se reduz a mero produto utilitário, mas se eleva, esse mesmo produto, ao nível do que cria e reinventa constantemente novos fazeres. Somente é capaz de honrar o uso ao nível da criação aquele que vive o conselho “(...) tratar de viver³⁸.” Eis, portanto a grande máxima que se depreende do Cristianismo da prática de seu fundador: promover a vida. Esta promoção, inclusive, implica em dar a vida. “Isto sim que é dar a vida e tornar imortais as pessoas.³⁹”

³³ Gracián: p. 64.

³⁴ Gracián: p. 173.

³⁵ Bouillier: p. 33.

³⁶ Nietzsche 1999: p. 336.

³⁷ Gracián: p. 177.

³⁸ Gracián: p. 179.

³⁹ Gracián: p. 180.

Em Jesus, a ação adquire valor e reconhecimento, para além da imposição da norma e da moral. Toda a vida de Jesus se resume em promover mais vida, não uma vida que possui um término, mas uma vida infinita, eterna e plena. Dizer *vida plena*, não é o mesmo que subjugar a vida terrena, humana à vida divina, mas elevar, divinizar a vida humana terrena, concedendo a ela o estatuto da imortalidade. Para tanto, este mesmo patamar de vida se pode experimentar em todo aquele que a concebe, não como algo alheio e externo, mas como unidade reconciliada, ou seja, aquele que a vive como conteúdo de experiência da mais elevada fruição que se presentifica no instante de plenitude. Por essa razão, o Cristianismo, que Jesus viveu e ensinou, não é um Cristianismo de promessa para o futuro, mas de experiência de vida no instante em que se vive. À medida em que se aprofunda esta vivência, tanto mais eterna ela se torna. Por isso, a eternidade da vida não constitui uma promessa de futuro, mas já se realiza no instante pleno da vida. Diante disso, se impõe uma meta: a de promover a plenitude da vida, amando-a e acolhendo-a para além dos ditames morais que impedem a sua fluidez. Pela capacidade de encerrar a vida com tudo o que dela demanda, num sentido de totalidade e plenitude, honra-se as suas proezas. A acolhida jubilosa da vida com tudo aquilo que dela demanda equivale a experienciá-la em sua profundidade, plenitude e fluidez. Ela se vive pautado segundo as balizas de uma nova ética: a ética, mediante a qual nada pode se cristalizar; a ética do *amor fati*. Amar e acolher o fato, e acolher a vida em sua plenitude, alegrando-se com ela, tornando cada instante que se vive, pleno e repleto de significados e perspectivas.

Em diversas passagens de seus escritos, como já temos conferido, Gracián, movido pelo ardor jesuítico, tem a intenção de propagar o Cristianismo suavizado, sem aqueles aspectos doutrinários, para torná-lo mais conforme a prática e a vida de seu fundador. Ora, o Cristianismo, com tais características, somente pode ser demonstrado à medida em que estiver profundamente arraigado numa experiência de vida, naquilo que a vida apresenta de mais instintivo, mais amável e sagaz.⁴⁰ Para tanto, é necessário peregrinar pela vida. Critilo e Andreino, do romance *El Criticón* de Gracián, são dois exemplos daqueles que fazem da peregrinação a busca de viver a vida com intensidade e plenitude. Estes dois peregrinos são os peregrinos da vida, ensinando que “(...) o saber viver consiste em enfrentar o medo.”⁴¹ Com astúcia e prudência tendem a unir suas sendas

⁴⁰ “Como soa jesuítico aquele amável e sagaz cicerone de Port-Royal, Sainte-Beuve, não obstante sua hostilidade aos jesuítas!” (Nietzsche 1999: p. 69).

⁴¹ Gracián: p. 247.

em torno à vontade da vida, cujas ações são as chaves do ser, e quem acolher o todo acolhe, ao mesmo tempo, o nada. Age sempre como aquele que está para além do pessimismo e do otimismo, com um olhar aberto a acolher a vida como fato, por niilista que seja. “O pessimismo de Gracián não predica como o de Schopenhauer a resignação, ascetismo e a negação da vida; igual que em Nietzsche é o pessimismo dos caracteres enérgicos que, tomando a vida como ela é, empregam todos os seus recursos para tirar dela o melhor partido possível.”⁴² Embora Gracián afirme a vida com ambições práticas, Nietzsche o faz mediante aspirações de intensificação heroica e dionisiaca. Ou seja, acolher o todo é buscar a vida como verdadeira e autêntica felicidade, e isso significa, ao mesmo tempo, desejar nada. Isto é, gozar os bens, fruir a vida, sabendo aproveitá-la, tanto da natureza como da arte. Viver assim é tornar a vida imortal: *amor fati*.

3. Conclusão

O percurso realizado pelos escritos de Balthasar Gracián e suas influências no pensamento de Nietzsche fez-nos perceber que a vida, na sua dimensão de experiência, é o que serve de base para a afirmação do Cristianismo. O estilo poético e aforismático do jesuíta Gracián, pouco afeito à moral institucionalizada e sim a uma experiência vital do Cristianismo, repercutiu não apenas na estilística nietzschiana, mas sobretudo em seu pensamento, de maneira especial na ética do *amor fati*. Ambos, Gracián e Nietzsche, pertencem, pelo menos em teoria, à escola da força e da energia moral.

Nietzsche segue Gracián em sua excursão pelos antigos, os quais afirmam a vida a partir da simplicidade das experiências cotidianas contra a complexidade da razão que invade o cenário ocidental a partir de Platão, bem como a herança de seu esquema de pensamento sobre o Cristianismo. Esta complexidade na maneira de compreender o Cristianismo vem a ser suavizada com a fundação da Companhia de Jesus, na Modernidade. A complexificação da moral cristã passa a partir dos jesuítas, a sofrer um processo de refinamento. O estilo jesuítico supera o barroco, apontando para uma maneira de encerrar o Cristianismo toda particular: a partir da experiência de vida.

Ora, o Cristianismo tal como concebido pelo seu fundador não foi estabelecido para ensinar uma doutrina e, sim, para viver. E viver não significa encerrar a vida como um peso a ser tomado com resignação, mas acolhido com jubilosa afirmação. A vida,

⁴² Bouillier: p. 32.

neste sentido, é acolhida no seu todo, e acolher a vida como um todo é acolher o nada. Ou seja, o todo da vida acolhida é um instante que, embora de plenitude, não passa de um instante. Portanto, o esforço é fazer esse instante, embora passageiro, pleno, em que se usufrua ao máximo. Desta vida que se acolhe como um todo, o que equivale a acolher o nada, do qual resulta a vida acolhida em sua expressão máxima de plenitude, é o que inspirou a ética nietzschiana do *amor fati*, a única possibilidade de superação do niilismo. Logo, mais que um inspirador de Nietzsche, Gracián pode ser classificado como um precursor do mesmo, seja em termos de estilística como em termos de proximidade com relação à reflexão moral, principalmente pelo instinto de força, e é por este último, que o Cristianismo pode ser afirmado enquanto experiência de vida.

Referências

BOUILLIER, Victor. Balthasar Gracián y Nietzsche. In: *Cuaderno Gris*, Cultura, p. 22-38.

GRACIÁN, Balthasar. *El Criticón*.

_____. *Oráculo Manual y arte de prudência*. Digitalizado por Librodot.com, <http://www.librodot.com>

JANZ, Curt Paul. 2015. *Friedrich Nietzsche. Uma biografia*. Vol. II. Petrópolis: Vozes.

NIETZSCHE, F. W. 1999. *Sämtliche Werke: Kritische Studienausgabe KSA*. Herausgegeben von Giorgio Colli and Mazzino Montinari. München: Deutscher Taschenbuch Verlag de Gruyter.

_____. 1981. Nachbericht Zur Dritten Abteilung: Briefe Von Und an Friedrich Nietzsche Januar 1880 – Dezember 1884. In: *Nietzsche Briefwechsel: Kritische Gesamtausgabe Briefwechsel KGB*. MULLER-BUCK, Renate; SCHMID, Holger (Ed. Dritte Abteilung. Berlin: Walter de Gruyter, Bd. II 3.

VICENTE, Montserrat Cost. *Amelot De la Houssaie, Tradutor de Gracián*. Barcelona: Universitat Pompeu Fabra.

Recebido em: 26/11/2017

Aceito em: 06/02/2018